

A SÍNDROME DO PRIMEIRO MUNDO

A mostra "Reperti, o meio ambiente visto por 18 artistas mais renomados do mundo" foi inaugurada em junho no Rio de Janeiro durante a Eco-92. Foi idealizada e organizada pela agência internacional SIC-Serviços de Informação e Divulgação Cultural, com sede em Roma, sob a direção do jornalista argentino Ricardo Grassi e da artista chilena Paulina Humeres, que foi sua curadora.

Participaram da exposição os seguintes artistas: Magdalena Abakanowicz, Arman, Alighiero Boetti, Fernando Botero, Christo, Oswaldo Guayasamin, Joseph Kosuth, Jannis Kounellis, Sol Lewitt, Matta, Hermann Nitsch, Claes Oldenburg, Michelangelo Pistoletto, Robert Rauschenberg, Mimmo Rotella, Mario Schifano, Giulio Turcato, Wolf Vostell e Michele Oka Dones.

A proposta inclui a criação da Bienal de Arte, Poesia e Ecologia, cuja primeira edição será realizada em outubro do próximo ano.

Neste artigo Ricardo Grassi fala de Reperti e sua experiência brasileira.

RICARDO GRASSI

A e convidaram de Brasília a falar sobre "Reperti" e a relacionar esta exposição trazida ao Rio de Janeiro para a Eco-92 com a recém-abertura do circuito internacional de arte para a arte brasileira como por exemplo na última Documenta de Kassel, na Alemanha, que teve a participação de quatro brasileiros.

Esclareci ao meu interlocutor que não sou um crítico ou especialista mas um que joga com as palavras, também como jornalista.

Pelo menos no Rio, esta parece ser uma limitação dominante: os jornais não dão trabalho aos críticos e historiadores de arte, e cada um respeita os limites da não especialização (ou da não profundidade). Temos de agradecer, entretanto, a honestidade de não se haver publicado artigos sobre o que se ignora (os conteúdos ar-

tísticos de Reperti); mas também temos que lamentar uma carência tão séria, que prejudica sobretudo a arte brasileira. Também pouco se escreveu sobre o sentido de Reperti e o compromisso assumido por cada artista, nem sobre vários feitos inusuais vinculados à mostra.

Os jornais pareciam interessados em entrevistar apenas os artistas super-famosos: Christo, Botero, Rauschenberg. Este último veio ao Rio e a imprensa fez uma festa. Também Pistoletto veio para a inauguração e foi muito entrevistado. Publicaram-se reportagens boas e interessantes sempre com a mesma tônica: grandes personagens e feitos imediatos em lugar de conteúdos e processos. De alguma maneira "os quatro da Documenta" foram "cobertos" seguindo-se o mes-

mo esquema.

Em tudo aparece o "primeiro mundo" como critério de referência. É interessante observar que as entrevistas do artista equatoriano Oswaldo Guayasamin, que também veio ao Rio, não foram publicadas. Existem obras suas em todo o mundo, dentro em pouco também em São Paulo, no Memorial da América Latina e na sede da Unesco em Paris. Pode ser um associação incorreta ou tendenciosa mas Guayasamin é um índio orgulhoso de ser índio, pratica o "demodê" realismo social, fala de raízes culturais e critica os Estados Unidos, a Europa e os meios de comunicação por impor e uniformizar a cultura mundial.

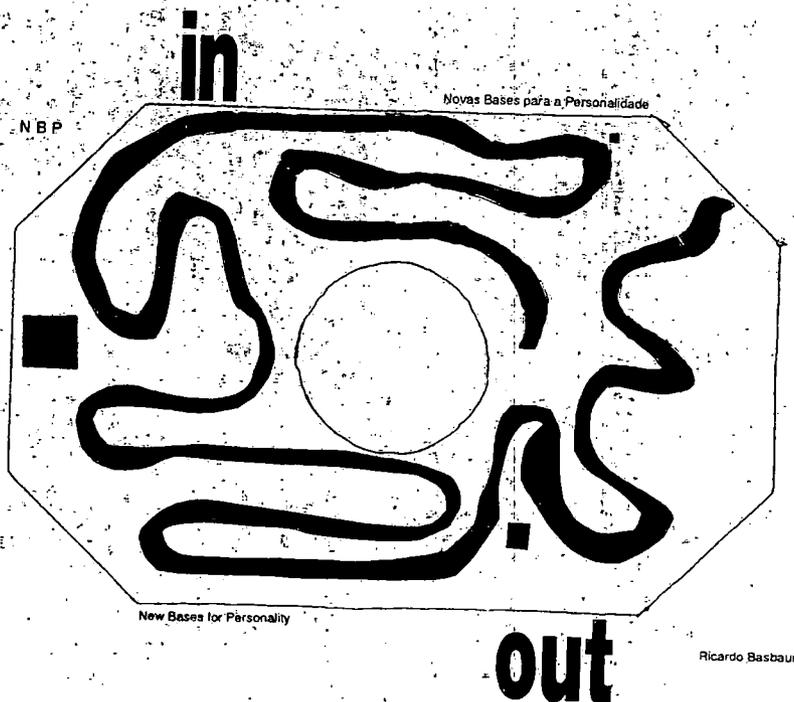
É interessante recordar opiniões expressas por Pistoletto em uma reu-

nião informal com jovens artistas no Rio: "Eu expresso minha cultura, a de Turin. Talvez a da Itália também e finalmente a européia". Isto fundamentou sua oposição à arte pop e foi a base para poder ter criado a Arte Povera.

Uma defesa similar da diferença nos fez a quatro meses, a artista chilena Paulina Humeres (curadora de Reperti) e a mim, a esposa de Claes Oldenburg e ex-curadora da Documenta: "Necessitamos da arte que expresse cada realidade, artistas que expressem o mundo no qual vivem e não uma universalidade inexistente". Se referia também aos Estados Unidos onde é a lógica do mercado que decide qual é a arte boa, matando o "mal". Também o inobjetivo Rauschenberg se referiu no Rio aos artistas jovens arruinados pelo êxito precoce no mercado de arte.

Interessa, finalmente, o que nos disse Kounellis: "Já não necessitamos 'Documentas'. Não temos que continuar documentando, está tudo documentado e temos de renovar e renovar. Enquanto que Pistoletto insistiu em sublinhar que "a verdadeira arte é a arte necessária".

O critério de necessidade levou 18 importantes artistas a reunir-se em Reperti, realizando uma mostra sem precedentes na América do Sul, em torno do grito de atenção sobre a destruição do mundo. Um dos elogios recebidos foi dizer que Reperti tinha nível de Primeiro Mundo. Seria melhor dizer simplesmente que tinha bom nível. Também é mais adequado olhar a Documenta como uma instância importante e estimulante e não como a "patente de reconhecimento" dada pelo Primeiro Mundo. Ainda que este estímulo seja certo, tão certo como nossos governos não se preocupam por estimular nossa cultura e como que um dos desafios e torturas do processo criativo seja que a identidade se ponha em jogo.



Ricardo Basbaum